

Promoção da Saúde em moradia estudantil: desafios para o fortalecimento da coletividade

Health Promotion in a student housing: challenges to strengthen collectiveness among the tenants

Daniela Ribeiro Schneider^I

Luiza Harger Barbosa^{II}

Francine Simon^{III}

Daniele Souza Steglich^{IV}

Luciana Oliveira de Jesus^V

Resumo

Moradias universitárias atuam como via de inclusão social por possibilitarem a permanência dos alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica. No entanto, moradores relatam o enfrentamento de preconceitos, dificuldades de convivência, e diversas formas de sofrimento. O objetivo é partilhar a experiência de um projeto de pesquisa participativa e extensão focado no desenvolvimento de ações em promoção da saúde numa moradia estudantil. A entrada no campo e os instrumentos de diagnóstico situacional foram realizadas entre 2015 e 2016, com a participação de residentes, técnicos e gestores da moradia, e contribuíram para o levantamento e planejamento de intervenções com as demandas psicossociais apresentadas pelos moradores, visando fortalecer ações coletivas que sirvam como fator de proteção para vulnerabilidades psicossociais.

Palavras chave: Promoção da saúde; Moradia estudantil; Vulnerabilidade; Instituições de ensino superior; Pesquisa participativa.

Abstract

Student housing fosters social inclusion by providing housing for students who have social and economic vulnerabilities. Nevertheless, the tenants report situations involving prejudice, struggles in living with other people as well as other types of suffering. The aim of is to share a participative research and extension project which goal is to develop actions to promote health in a student housing. The diagnosis of the situation with the help of research instruments occurred in the timespan of 2015 and 2016, having the tenants, technicians and housing administrators as a part of this process. The strives were to plan actions based on the students' needs in order to strengthen collectiveness as a way of protection from vulnerabilities.

Keywords: Health promotion; Dormitories; Vulnerability; Higher education institutions; Participant research.

^IPsicóloga, professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN/UFSC. Bolsista produtividade em pesquisa 2 pelo CNPQ

^{II} Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina

^{III} Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina

^{IV} Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina

^V Psicóloga, doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

lucianoj84@gmail.com

O processo de inclusão social no Brasil tem passado, como uma de suas estratégias, pelo processo de democratização do acesso às Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), no caminho de diminuir desigualdades que têm sido marca expressiva ao longo da história da instituição universitária (Vasconcelos, 2010; Costa & Rauber, 2009). A partir da ampliação do acesso de estudantes em situação de vulnerabilidade social e econômica ao ensino superior, vem se produzindo transformações no cotidiano das universidades, o que sinaliza a importância de políticas de assistência estudantil que possibilitem a permanência desses universitários para conclusão de seus cursos (Leite, 2012; Vasconcelos, 2010).

As IFES consolidam programas e ações de assistência estudantil condizentes com as realidades locais e regionais, a partir das diretrizes e do financiamento

advindos do Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), instituído em 2010. Entre as ações de assistência estudantil consideradas fundamentais para a permanência na universidade, encontram-se as modalidades de auxílio-moradia, por meio do auxílio financeiro mensal ou de vagas disponibilizadas em moradias estudantis ou casas dos estudantes. Em relação às moradias estudantis, as vagas são destinadas aos alunos que se deslocam de outras cidades e não teriam condições de se manter financeiramente ao longo do andamento do curso. O jovem universitário que passa a residir em moradias estudantis tem como uma das etapas iniciais comprovar suas dificuldades financeiras e cumprir os requisitos institucionais para garantia do benefício. Além disso, somam-se mudanças ambientais, culturais, sociais e na rede de apoio diante da sua entrada

na universidade e na própria moradia (Osse & Costa, 2011; Shaikh & Deschamps, 2006).

Nas experiências em moradias universitárias, a dinâmica vivenciada implica dividir quarto com pessoas desconhecidas, partilhar espaços coletivos com vários moradores (laboratórios, salas de estudo, cozinha e lavanderia, por exemplo), desenvolver habilidades para construir novas amizades, conviver com a distância da família e amigos e enfrentar dificuldades financeiras para se manter na universidade (Berlato & Sallas, 2008; Garrido, 2015; Sousa & Sousa, 2009). Ao mesmo tempo que a moradia estudantil propicia uma via de acesso à inserção social, por ampliar a possibilidade de o estudante permanecer na universidade pública e concluir seus estudos, apresenta-se também como um espaço que produz possíveis riscos e dificuldades de diversas ordens, dando indícios das contradições da moradia como ambiente saudável (Osse & Costa, 2011).

As adversidades enfrentadas na moradia muitas vezes são acompanhadas de vivências de sofrimento, exclusão e humilhação (Sousa & Sousa, 2009). Tais adversidades ultrapassam o espaço da moradia e são encontradas, também, na relação estabelecida entre residentes e diferentes espaços na universidade. Em estudos realizados com a participação de residentes universitários, foram relatadas situações de preconceito dentro da universidade por conta da sua condição de residentes, sendo produzidos significados distorcidos sobre a pessoa dos moradores (Laranjo & Soares, 2006), outrora reconhecidos e rotulados como bagunceiros, maconheiros e pobres (Sousa & Sousa, 2009), situação relatada pelos participantes do projeto.

No cenário atual, no qual se amplia a necessidade de demandas por políticas de assistência estudantil, incluindo a necessidade de vagas em moradias estudantis, para além da garantia do benefício, outras demandas relacionadas às dinâmicas relacionais, regras de convivência, gerenciamento dos espaços e das condições psicossociais emergem no cotidiano das moradias universitárias. Diante disso, torna-se relevante a realização de ações e projetos de intervenção que considerem os determinantes em saúde que atuam nas situações vivenciadas pelos residentes, tendo em vista a complexidade do fenômeno da saúde e a perspectiva do cuidado integral dos sujeitos (Schneider, 2015).

O presente artigo visa descrever a experiência de uma pesquisa intervenção em moradia estudantil no sul do país, desenvolvida dentro de um projeto de extensão universitária, na perspectiva da promoção da saúde. Os projetos de extensão ocupam um lugar importante

na universidade por direcionarem ações que ampliam seu caráter intervencionista em ações políticas, pedagógicas e científicas, visando à formação acadêmica e à melhoria da qualidade de vida da população envolvida (Fernandes, 2009).

O projeto parte de uma perspectiva ampliada de saúde na tentativa de superar perspectivas fragmentadas de saúde, ou seja, uma concepção de saúde inseparável das condições concretas de existências dos sujeitos envolvidos (Czeresnia, Maciel & Oviedo, 2013). A seguir será apresentada as bases teóricas e conceituais que fundamentam o projeto proposto.

Pressupostos Teóricos

A perspectiva da promoção da saúde é norteadora da construção teórica e metodológica do projeto, tendo em vista a proposta de estreitar relações de solidariedade e confiança dos participantes e o envolvimento das pessoas na construção de ações coletivas para melhoria de suas condições de saúde e bem-estar, especialmente daqueles que vivenciam condições de vulnerabilidade (Buss, 2009). As iniciativas baseadas na promoção da saúde levam em consideração o atendimento das necessidades de um sujeito, grupo ou comunidade considerando as condições de equidade em saúde, em cada contexto histórico e social, no intuito de tornar evitáveis essas condições e de possibilitar que as pessoas busquem seu potencial em saúde a partir da integralidade (Westphal, 2006).

Ao propor uma visão ampliada de saúde, o projeto se aproxima da concepção dos Determinantes Sociais em Saúde (DSS) para compreender as condições de vida e dinâmicas relacionais vivenciadas pelos residentes na moradia universitária. Este modelo permite identificar determinantes em saúde em suas diversas dimensões, desde condicionantes mais próximos das características individuais, como idade, sexo e fatores hereditários, até aspectos macrossociais, como condições culturais, socioeconômicas e ambientais. As dimensões intermediárias perpassam pelos estilos de vida dos indivíduos, pelas redes sociais e comunitárias, e pelos fatores relacionados às condições de vida e de trabalho (Carvalho & Buss, 2009).

Consolida-se, portanto, como uma abordagem ampliada para compreender o processo saúde/adoecimento e seus princípios norteadores que direcionam ações de saúde pautadas na participação social e na intersetorialidade. Entende-se que é possível a articulação entre saúde e condições de vida, levando em consideração desafios sociais, culturais e econômicos dentro

da perspectiva da atenção integral, a partir de intervenções de cunho psicossocial. Neste sentido, a perspectiva psicossocial passa a compor o cenário das estratégias de produção de cuidado em saúde, tendo em vista uma compreensão ampliada e integrada dos componentes sociais, psíquicos, culturais e comportamentais envolvidos no processo de saúde e adoecimento, como, também, das manifestações de sofrimento psíquico. Entende, assim, que a *problematização da integralidade deve ser a orientação para a compreensão do psicossocial* (Conselho Federal de Psicologia, 2011).

Seguindo na mesma linha, levando em consideração a complexidade entre o processo saúde e adoecimento, Paiva (2013) entende que o modo psicossocial busca aprofundar a prática na direção da integralidade no cuidado daqueles que vivenciam formas de sofrimento, de acordo com as suas várias necessidades. É uma proposta de olhar o sujeito que sofre ou enfrenta dificuldades em seu cotidiano pela própria experiência vivida desse sujeito, considerando o contexto histórico e social no qual se localiza essa experiência (Amarante, 2013).

Algumas pessoas ou comunidades se encontram em situações mais suscetíveis ao enfrentamento de dificuldades psicossociais, e para apreender tais condições a abordagem conceitual da vulnerabilidade pode contribuir nessa compreensão. A vulnerabilidade é atribuída quando se quer expressar os potenciais de adoecimento ou não adoecimento relacionados a todo ou cada um dos indivíduos que se situa em um conjunto de condições (Ayres, Júnior, Calazans & Filho, 2009). As pessoas não *são* vulneráveis, elas *estão* vulneráveis com relação à determinada situação, num certo ponto do tempo e espaço e em diferentes graus que podem sofrer mudanças a cada momento (Paiva, 2013; Ayres, Júnior, Calazans & Filho, 2009). Destaca-se, assim, o caráter relacional e multidimensional de qualquer situação de vulnerabilidade.

É neste sentido que a interface entre vulnerabilidade e atenção psicossocial permite uma aproximação com o fenômeno do sofrimento psíquico direcionando para uma compreensão do fenômeno a partir das condições vivenciadas pelo sujeito, em um determinado contexto de social, como, também, em toda a sua complexidade como sujeito em relação com mundo. Aproximações com o modo psicossocial possibilitam a construção de um olhar ampliado e multidimensional para compreender os desafios vivenciados pela condição de residente em moradia estudantil e planejar possíveis intervenções coletivas, no intuito de melhorar as condições de vida de seus estudantes.

Há alguns indicadores importantes para a formulação de projetos de promoção da saúde, elaborados pelo projeto PROMISE (*Promoting Mental Health, Minimising Mental Illness and Integrating Social Inclusion through Education*), relativo ao desenvolvimento de orientações europeias para a formação de profissionais sociais e de saúde na promoção da saúde mental. Entre estes critérios deve-se incluir representantes das populações diretamente afetadas pelo objetivo de promoção da saúde mental em questão, sendo encorajados a participar na fixação dos objetivos de saúde e na concepção do projeto e entrega do programa, no sentido do empoderamento dos participantes (Greacen et al., 2012). Neste sentido, o projeto em pauta considerou o modo como se constitui a relação entre os atores envolvidos (moradores, administradores, gestores, professores envolvidos no projeto) e o conhecimento de aspectos históricos, políticos e conjunturais acerca do campo de intervenção no qual buscamos desenvolver um processo de investigação. Para a construção de estratégias de intervenção se torna fundamental durante todo o processo a participação ativa da comunidade implicada na análise produzida, sendo explicitado seus movimentos, problemáticas, formas de ação e processos sociais (Rocha, 2006).

MÉTODO

O presente trabalho é desenvolvido a partir de pesquisa intervenção que integra um projeto de extensão universitária com objetivo desenvolver ações de promoção da saúde, a partir de uma metodologia participativa. Metodologias participativas procuram conhecer e intervir em uma realidade, levando em conta o trabalho conjunto entre aquele que propõe e quem se beneficia das propostas, considerando as dimensões históricas, éticas, políticas e socioculturais do conhecimento (Thiollent, 1988; Vasconcellos, 1998). O cotidiano é fruto da experiência coletiva, e considera-se as situações e os resultados organizados a partir das pesquisas participativas sempre provisórios, sendo fundamental a contextualização dos fatores, a análise das forças que os produziram e dos efeitos das práticas (Rocha, 2006).

A proposta da pesquisa intervenção propõe que as etapas sejam desenhadas no decorrer do projeto, ou seja, nem todos os procedimentos estão definidos a priori pelos participantes. Experiências de pesquisa intervenção caminham no sentido da articulação entre teoria e prática e entre sujeito e objeto, na medida em que o conhecimento e a ação sobre a realidade se farão na investigação das necessidades e interesses locais, na

produção de formas organizativas e de uma atuação efetiva sobre essa realidade (Rocha, 2003). Dentro da perspectiva da promoção da saúde, Mendes, Pezzato e Sacrado (2016, p. 1738) apresenta alguns dos desafios de metodologias que partem da promoção da saúde, sendo um campo que anseia “desde uma perspectiva crítica, potencializar processos de mudança, fortalecer a autonomia dos sujeitos, a participação, a valorização de movimentos instituintes, os processos de subjetivação e atribuir significados e sentidos para as experiências”.

O projeto envolve a participação de professores de diversas ênfases da Psicologia: saúde, educacional, ambiental e institucional, juntamente com alunos da graduação e pós-graduação. Além da conexão entre ênfases diferentes do campo da Psicologia, o projeto se constrói a partir da interface entre conhecimentos dos campos da saúde e educação, cabendo a compreensão intersectorial sobre o fenômeno estudado.

Em relação à moradia, a instituição é formada por cerca de 157 residentes, todos estudantes de cursos de graduação, dos sexos masculino e feminino. Sua construção foi edificada nas proximidades do campus da universidade e tem como objetivo atender as necessidades de alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica, oriundos de outros municípios ou estados. Há um espaço dirigido para vagas temporárias para universitários que estão aguardando vagas na moradia principal ou àqueles que estão à espera de outros tipos de auxílio moradia. Quando selecionados para a moradia, os estudantes dividem quarto e banheiro com outro colega, assim como compartilham a cozinha com duas outras pessoas do quarto vizinho.

De acordo com dados da instituição, foi identificado que a maioria dos residentes da moradia são homens (55%), oriundos em sua maioria de cidades de Santa Catarina, mas conta também com estudantes de outros estados brasileiros, como São Paulo e Rio Grande do Sul. A grande maioria dos estudantes cursou o ensino médio em escolas públicas (87%) e uma parte deles, cerca de 32%, entrou na universidade vinculada às políticas de ações afirmativas da instituição. Além dos estudantes, a moradia estudantil em questão conta com outros atores importantes, como a equipe de manutenção, porteiros, vigilantes e da administração, assim como a equipe de técnicos administrativos da universidade que auxiliam nas demandas psicossociais que emergem do grupo.

O projeto iniciou em 2015 e segue em continuidade, em 2017. Os resultados abaixo correspondem às etapas dos dois primeiros anos de realização do projeto, como entrada no campo e diagnóstico situacional

realizado, assim como, os passos seguintes para a construção de estratégias coletivas com o grupo envolvido tendo em vista compreender as condições psicossociais dos residentes e construir intervenções que possam atuar na melhoria das condições de vida de seus moradores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conhecendo a Realidade e Demandas Locais: Aproximações com a Perspectiva da Promoção da Saúde

O projeto iniciou em 2015 a partir do contato das gestoras da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), setor da instituição universitária responsáveis pela gestão da moradia, com o Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial (PSICLIN¹). A demanda institucional apresentada buscava parceria para planejamento de ações relacionadas ao abuso de substâncias psicoativas em moradia estudantil, pois este vinha gerando problemas frequentes no espaço. Os gestores também manifestaram preocupação com as condições psicossociais presentes no cotidiano dos residentes, tendo em vista que alguns estudantes buscavam ajuda por apresentarem sinais de sofrimento psíquico grave, realizarem uso e abuso de álcool e drogas e pelas condições de vulnerabilidade vivenciadas no processo de permanência na universidade.

No campo das pesquisas sobre a saúde em moradias estudantis, a experiência de viver em moradias universitárias pode provocar impacto sobre a saúde dos estudantes e condições que propiciam sofrimento psíquico (Osse & Costa, 2011; Shaikh & Deschamps, 2006). Em pesquisa que buscou conhecer alguns aspectos psicológicos e sociais de universitários moradores da casa do estudante da UnB foi identificada a necessidade de atenção a esse público por conta da carência de recursos materiais e de saúde, como também recursos precários de enfrentamento, poucos fatores de proteção e assistência insuficiente para atender toda essa complexidade de demandas (Osse & Costa, 2011)

No intuito de ampliar o olhar sobre o fenômeno das experiências de ser residente em moradia estudantil e a produção de saúde dentro do espaço da moradia, a proposta do planejamento da intervenção foi pensada a partir da articulação com as áreas da psicologia

1 O PSICLIN é um núcleo de pesquisas que tem como objetivo geral promover e integrar atividades de estudo, pesquisa e extensão referente à Atenção Psicossocial, Psicologia Clínica e da Saúde, especialmente sobre tratamento e prevenção ao álcool e outras drogas. Para mais informações acessar o site: <http://psiclin.ufsc.br/>

institucional, educacional, ambiental e saúde. Assim, aspectos pessoais, inter-relacionais, socioambientais e institucionais estariam em pauta das discussões do grupo envolvido, a partir de uma multiplicidade de enfoques teóricos e metodológicos. Participaram deste processo quatro professores do Departamento de Psicologia, além de estudantes de graduação e pós-graduação em psicologia.

Em primeiro plano, foi realizada participação na assembleia de moradores, atividade mensal sob coordenação dos próprios residentes. Nesse momento o grupo envolvido no projeto conheceu seus moradores e iniciou uma aproximação com o campo de intervenção. Foi apresentada a proposta de trabalho, voltada para a promoção da saúde, na qual a intervenção deveria ser construída com o grupo, caso fosse aceita a parceria, ou seja, não havia uma estratégia pronta ser realizada no local.

Inicialmente, foi questionado se os (as) moradores (as) observavam a necessidade de uma intervenção na moradia e quais eram essas demandas que eles percebiam como necessárias. As iniciativas baseadas na promoção da saúde levam em consideração o atendimento das necessidades de um sujeito, grupo ou comunidade considerando as condições de equidade em saúde, em cada contexto histórico e social, no intuito de tornar evitáveis essas condições e de possibilitar que as pessoas busquem seu potencial em saúde a partir da integralidade (Westphal, 2006). Dentro dessa perspectiva, a partir da escuta dos moradores pudemos identificar uma série de condições que produzem cotidianamente vivências de sofrimento. Grande parte dos conflitos vividos neste ambiente diziam respeito à problemas relacionais e institucionais, em seus diversos níveis: sejam eles conflitos de convivência entre os próprios moradores, conflitos institucionais entre os moradores e a PRAE, ou até mesmo situações de preconceito advindos da comunidade acadêmica. Dentre os diversos relatos expostos para nossa equipe, alguns despertaram maior sensibilização. Algumas reclamações foram mais genéricas, da vivência de preconceitos e exclusões sociais, tais como: “A sensação que tenho é de que somos jogados aqui e esquecidos”; “o que se escuta nos corredores é que somos alunos-problema, drogados”. Outras falas disseram respeito às relações interpessoais na moradia: “temos a necessidade de nos conhecer entre si (sic). Criar laços entre nós é importante para conhecer os colegas”; “aqui na moradia existem três tipos de relações entre os colegas: as amigáveis, as hostis e as bélicas, de um querer agredir o outro mesmo”, segundo outro participante a “saúde também é trabalhar essas

relações”. Da mesma forma houve queixas relacionadas ao acolhimento institucional e relatos das dificuldades de inserção na moradia: “não sabemos a organização dos espaços. Chegamos aqui e ninguém explica direito como funciona”; “há um estresse muito grande para entrar na moradia, reforçando estigmas. Há um descaso por parte da administração”.

Sousa e Sousa (2009), em uma pesquisa com universitários da Moradia Estudantil encontraram relatos que se aproximam das condições descritas. Problemas de convivência envolvendo os espaços públicos e a exclusão sentida pelos colegas da universidade são algumas das motivações para o sofrimento vivenciado pelos estudantes. Ao mesmo tempo em que os estudantes estão em um processo de inclusão, seja no ensino superior, na moradia estudantil ou mesmo em uma condição social e financeira melhor que a de origem, eles vivenciam processos de exclusão, no momento em que se descobrem fora de algum espaço que deveria ser seu por direito, e por isso precisam solicitar a assistência universitária para continuar os estudos.

Desta forma, diante das dificuldades e atravessamentos que perpassam a vida dentro da moradia estudantil, os residentes reconheceram que um projeto que visasse a promoção da saúde dentro deste espaço poderia auxiliar na permanência estudantil. Entendeu-se que este momento foi muito importante para que os estudantes pudessem explicitar todas suas angústias e insatisfações em relação ao ambiente em que vivem. Ao mesmo tempo, ao longo dos nossos primeiros contatos com os moradores o grupo se atentou para a disparidade entre a demanda que os moradores nos solicitaram àquela trazida em um primeiro momento pela PRAE.

Desta forma, em um segundo momento, foi proposta construir uma intervenção-diagnóstica, com o objetivo de qualificar a escuta dos residentes e demais envolvidos nas atividades da moradia, no intuito de trazer uma melhor compreensão dos estudantes acerca de suas próprias queixas e necessidades. Para realizar o levantamento de demanda, foi utilizada estratégias condizentes com a perspectiva da Análise Institucional. Barembliitt (2002) considera que as demandas são produzidas - ou seja, não existem demandas naturais - sendo relevante tentativas de investigar como as demandas são criadas pelas organizações e pelos agentes envolvidos. Para a realização do diagnóstico institucional foi proposta a metodologia de visualização móvel (Cordioli, 2001), pela qual os moradores enunciaram os problemas que a moradia passa para depois serem categorizados e analisados, seguindo as etapas de: 1. levantamento de problemas; 2. aproximação dos problemas

por proximidade; 3. categorização dos problemas em funcionais, estruturais e relacionais, 3. atores envolvidos nos problemas e 4. explicitação das relações de determinação entre os problemas levantadas.

Foi decidido que os residentes, em conjunto com os técnicos e gestores, participariam dessa etapa do projeto, que teve como objetivo o diagnóstico participativo para elucidar os problemas e desafios enfrentados pelos que residem naquele espaço e refletir sobre as questões de relações institucionais e seus impactos na vivência da moradia. Foram realizados três encontros com os estudantes, que contaram com a presença de, em média, 15 moradores por encontro. No primeiro, orientou-se que os estudantes escrevessem em algumas tarjetas palavras-chaves que remetesse aos principais problemas que percebiam como moradores. Posteriormente, tais elementos foram agrupados em nuvens de proximidade para depois ser divididos em quatro grandes categorias: Relacional, Funcional, Institucional ou Estrutural. Os problemas relacionais remetiam a dificuldades para cumprimento de regras feitas por indivíduos do mesmo grupo, de origem interpessoal e a categoria funcional abrangia problemas associados ao desempenho de papéis e obrigações, ou seja, regras estabelecidas como normas e regimentos escritos. Os problemas institucionais envolviam diretamente a instituição regente (no caso a gestão universitária). Por último, as questões estruturais diziam respeito aos conflitos gerados por diferenças culturais e sociais. Tais categorias também auxiliaram a problematizar o grau de gerência dos participantes em relação à solução dos problemas, tendo em vista, por exemplo, que problemas estruturais tenderiam a demandar maior tempo e atores envolvidos para efetivar mudanças, diante da complexidade de fatores envolvidos.

Em relação aos encontros, cada morador deveria eleger a categoria dos problemas, com o auxílio dos demais membros do grupo. Finalizado todo o processo de categorização, solicitamos aos moradores que apontassem os atores responsáveis por aqueles problemas, ou seja, quem está envolvido na formação de cada impasse. O mesmo processo foi realizado com técnicos e gestores da moradia, contando com a presença da Coordenadora, administrador da Moradia, psicólogas e assistentes sociais da PRAE. Entretanto, todas as etapas foram realizadas em uma mesma ocasião.

Após a realização de todos procedimentos acima mencionados, os participantes mostraram maior preocupação com temas relacionados a convivência entre os moradores; a falta de cuidado com o patrimônio; e principalmente a dificuldade que eles sentiam em lidar

com as demandas exigidas pelos estudantes e falta de vínculo com os mesmos. Assim como sugerimos aos estudantes, a próxima etapa se deu na divisão das problemáticas em nuvens de proximidade e a categorização dos problemas em institucionais, relacionais, funcionais e estruturais. Por último, foi estabelecida relações entre os elementos que surgiram nas etapas anteriores. Uma das relações feitas, por técnica da PRAE, é que a falta de clareza das regras/regimento da Moradia contribui para que as relações entre moradores e PRAE seja “frágil” e cria uma permissividade e não se tenha uma mediação de conflitos, como por exemplo, em relação ao uso abusivo de drogas.

O diagnóstico realizado proporcionou um levantamento das problemáticas vivenciadas pelos estudantes, bem como uma análise de como se dá a relação da PRAE e moradores da casa e quais as situações conflituosas emergentes. A partir da técnica de visualização por tarjetas e a visualização dos principais problemas, realizada tanto com os moradores, tanto com os técnicos, foram lançadas possibilidades de continuidade do projeto a partir do interesse de seus participantes.

Intervenções em Conjunto com os Moradores: O Fortalecimento da Coletividade

Em 2016, após os encontros realizados e dados analisados, foi elaborada uma devolutiva dos resultados a partir da participação conjunta de moradores e técnicos. Neste encontro o grupo teve a oportunidade de apresentar as principais percepções de moradores e técnicos a respeito da situação dentro da moradia. De acordo com diagnóstico situacional realizado, as maiores demandas apresentadas foram relacionadas a presença de conflitos interpessoais, falta de um sentimento de coletividade e de pertencimento ao local, o que consequentemente gerava situações de desrespeito em relação aos limites seus e dos outros.

Reconhecer-se em um determinado lugar se constitui a soma das lembranças, sentimentos, vivências e significados dos sujeitos que habitam um mesmo espaço (Ponte, Bomfim & Pascual, 2009). Assim aproximações entre lugar e seu valor identitário, a produção de um sentimento de pertencimento, pode atuar na direção de perspectivas saudáveis, a partir da organização dos espaços e mudanças locais para melhor convivência coletiva.

Na participação em assembleia dos estudantes para dialogar sobre os resultados da devolutiva, foi proposto ao grupo a criação de uma comissão entre participantes do projeto e moradores que ficaria responsável por planejar estratégias e ações para lidar

com as dificuldades identificadas na moradia. O objetivo da comissão consiste em planejar intervenções na moradia tendo em vista as demandas advindas dos moradores. Decidiu-se realizar encontros abertos no período vespertino, na própria moradia, com periodicidade quinzenal. A comissão se aproxima daquilo que Lourau (1993) chama de caixa preta, processo no qual a equipe de interventores se reúne para definir as ações que irá tomar no processo de intervenção. As reuniões organizadas pela comissão têm como objetivo “conduzir” os acontecimentos que sejam “disparados” nos próprios encontros.

Nos primeiros encontros da comissão moradia se evidenciou como frente de atuação o planejamento de ações que pudessem expor as potencialidades desse espaço e dos seus moradores, tendo em vista que outros coletivos, como grupo em rede social virtual tem sido usado para relatos de problemas e conflitos. A ênfase nos aspectos positivos para estratégias de trabalho são marcadores que se fazem presente em estratégias de promoção da saúde, cujo enfoque reconhece que os indivíduos e comunidades tem o direito e são potencialmente capazes de interferir e melhorar as suas condições de vida (Westphal, 2006).

Alguns projetos direcionados para a qualidade de vida foram incorporados na rotina da moradia: uma das participantes da comissão, moradora do local, iniciou aulas abertas de yoga duas vezes por semana, na tentativa compartilhar prática que já costumava realizar e criar novas atividades coletivas no espaço, tendo iniciado aulas abertas para os moradores na Sala de Convivência, que teve boa adesão de residentes. Surgiu da comissão, também, a elaboração de cartazes com perguntas disparadoras como por exemplo: “O que tem de bom na Moradia?”, “O que te faz feliz na Moradia?”, que visavam proporcionar novas significações para a vida na moradia. Os cartazes foram espalhados pela Moradia Estudantil e, com o tempo, os moradores escreveram as suas percepções, ao mesmo tempo que surgiam reflexões acerca da sua relação com o local e as pessoas que fazem parte dele. Seguindo a lógica de potencializar espaços, todas as intervenções foram pensadas com e para os moradores, sempre priorizando atividades que pudessem ser realizadas pelos próprios estudantes, de forma que aproveitasse os aprendizados que os moradores tiveram em seus determinados cursos ou hobbies que gostariam de compartilhar.

Outras iniciativas de cunho cultural e de lazer começaram a ser organizadas, como o “Café Literário”, organizados por moradores em um fim de semana, bazar para venda e troca de objetos e roupas, mutirão para

organização de espaços de uso coletivo que costumam gerar conflitos, como a lavanderia coletiva, por exemplo. Como propósito do grupo intervenção envolvido no projeto *interessava-nos chamar a atenção para o imperativo do encontro para que em conjunto, em inter-relação, em cooperação as pessoas possam construir seus processos de trabalho, ações de promoção da saúde, projetos de felicidade (seus e dos outros)* (Mendes, Pezzato & Sacrado, 2016, p.1739)

Alguns temas eram recorrentes nos encontros da comissão, como a necessidade de desenvolver ações focadas na chegada e acolhimento ao novo morador. Muitos relatos traziam a necessidade de atividades que possibilitassem a integração entre os novos e antigos moradores, a discussão das regras de funcionamento da casa e dos espaços, como aspectos que poderiam contribuir para melhoria das condições iniciais de entrada na moradia. Mais recentemente, o grupo veio articulando estratégias para melhoria das condições de descarte dos resíduos orgânicos e recicláveis produzidos pela moradia, assim como o fortalecimento da produção de alimentos e ervas medicinais na horta comunitária. Foi elaborado projeto de extensão, junto com professor do departamento de educação no campo, da própria institucional educacional, assim como contatos e reuniões com a PRAE e setores responsáveis pela educação ambiental da Universidade.

A aposta na promoção da saúde permite dar espaço para a construção de novos modelos de saúde que passam a considerar os complexos processos de vida moderna, a multifatorialidade nas condições de vida e produção de saúde e adoecimento (Czeresnia, Maciel & Oviedo, 2013). A partir de concepções de saúde voltada para a promoção das condições de vida dos sujeitos, lança-se um olhar integral para a relação do sujeito e seu processo de saúde e adoecimento. Na moradia, as ações desenvolvidas até o momento buscam integrar ao cotidiano do espaço ações que fortaleçam a relação do morador com espaço e com aqueles que a integram, diante das condições de vulnerabilidade social vivenciadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Moradia Estudantil é o verdadeiro lar de muitos dos moradores. Desta forma, apropriar-se deste espaço com a experiência de pertença é fundamental para o bem-estar no lugar. Ao mesmo tempo, por ser espaço coletivo, a condição de compartilhar de forma saudável os espaços coletivos é outro desafio. Sendo assim, o fortalecimento de ações comuns, o cuidado com os

espaços compartilhados auxilia na condição de qualidade de vida nestes espaços.

O propósito do projeto esteve vinculado à participação daqueles que enfrentam cotidianamente os desafios de ser residente em moradia estudantil universitária. Os encontros realizados provocaram reflexões sobre a experiência de viver em moradia, dividir espaços coletivos e integrar moradores para ações que instiguem o bem comum, apesar das dificuldades encontradas em diversas tentativas relatadas pelos moradores nos encontros. Iniciativas como a organização de encontros temáticos como café literário, grupo de oração e brechó são tentativa de organizar atividades no espaço de forma a integrar moradores e proporcionar a melhoria das condições de vida locais. Diante dessa perspectiva, alguns passos como a escrita de um projeto sobre a horta comunitária e educação ambiental sobre a produção e descarte de resíduos orgânicos e recicláveis são atividades em andamento por iniciativa dos próprios moradores, visando melhoria local e maior sustentabilidade. Outras ações culturais e de lazer são tentativa de organizar atividades no espaço de forma a integrar moradores por afinidades, dentro das diferenças socio-culturais encontradas entre os mesmos.

É dentro da perspectiva ampliada e integral de saúde, inseparável das condições concretas e cotidianas de existência que a promoção da saúde deve atuar e produzir estratégias e mudanças nas condições de vida, principalmente daqueles que vivenciam situações de vulnerabilidade socioeconômica. A adaptação e permanência na moradia estudantil deve contribuir para o fortalecimento das condições psicossociais, indo além da vulnerabilidade financeira, com a realização de projetos e ações no campo da saúde mental, apoio pedagógico e enfrentamento das mudanças enfrentadas na vivência universitária e de residente de moradia estudantil. Assim, os levantamentos e ações realizados no espaço podem assumir um papel relevante na construção de políticas de assistência estudantil voltadas ao estudante morador, tendo em vista a construção de um espaço de escuta dos anseios e desafios vivenciados no processo de permanência na moradia estudantil e a realização de ações tendo em vista o bem-estar coletivo.

REFERÊNCIAS

Amarante, P. (2013). Saúde mental e atenção psicossocial. Rio de Janeiro: Fiocruz.
 Ayres, J. R. C. M., Júnior, F. R., Calzans, G. J. & Filho, H. C. S. (2009). O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde pública: perspectivas e desafios. In

Czeresnia, D.; Freitas, C.M. (Orgs.). Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências (pp.117-39). Rio de Janeiro: Fiocruz.
 Baremlitt, G. (2002). Compêndio de Análise Institucional e outras Correntes. Belo Horizonte: editora Instituto Félix Guattari.
 Berlatto, F. & Sallas, A. L. F. (2008). Um lar em terra estranha: Espaço e sociabilidade em uma casa de estudantes feminina. Revista Chilena de Antropologia Visual, (12), 48-69. Recuperado em 29 de abril de 2015, de http://www.rchav.cl/imagenes12/imprimir/berlatto_&_fayet.pdf
 Buss, P.M. (2009). Uma introdução ao conceito de Promoção de Saúde. In Czeresnia, D.; Freitas, C. M. (Orgs.). Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências (pp. 19-42). 2a. Edição. Rio de Janeiro: Fiocruz.
 Carvalho, A. I & Buss, P. M. (2009). Determinantes sociais na saúde, na doença e na intervenção. In Giovanella L et al (Orgs). Políticas e Sistema de Saúde no Brasil (pp. 141-166). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
 Czeresnia, D., Maciel, E. M. G. S & Oviedo, R. A. M. (2013). Os sentidos da saúde e da doença. Rio de Janeiro: Fiocruz.
 Conselho Federal de Psicologia, CFP. (2011). Contribuições do Conselho Federal de Psicologia para a constituição da Rede de Atenção Psicossocial no Sistema Único de Saúde a partir do Decreto 7.508/2011. Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
 Cordioli, S (2001). Enfoque participativo, um processo de mudança: conceitos, instrumentos e aplicação prática. Porto Alegre: GENESIS.
 Costa, E.B.O & Rauber, P. (2009). História da educação: surgimento e tendências atuais da universidade no Brasil. Revista Jurídica UNIGRAN, 11(21), 241-253. Recuperado em 2 de fevereiro de 2016, de http://www.unigran.br/revista_juridica/ed_anteriores/21/artigos/artigo15.pdf
 Fernandes, L. L. (2009). Gestão do conhecimento em projetos de extensão universitária direcionados às pessoas com deficiência (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
 Garrido, E. N (2015). A Experiência da Moradia Estudantil Universitária: Impactos sobre seus Moradores. Psicologia: Ciência e Profissão, 35(3), 726-739. Recuperado em 29 de abril de 2015, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932015000300726&script=sci_abstract&tlng=pt
 Greacen, T., Jouet, E., Ryan, P.; Cserhati, Z., Grebenc, V., Griffitts, C., Hansen, B., Leahy,

- E., Da Silva, K.M., Sabia, A., De Marco, A., & Flores, P. (2012). Developing European guidelines for training care professionals in mental health promotion. *BMC Public Health*, 27(12), 1-10.
- Laranjo, T.H.M. & Soares, C.B. (2006). Socialização e drogas em moradias universitárias. *Rev Saúde Pública*, 40(6), 1027-34. Recuperado em 29 de abril de 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v40n6/10.pdf>
- Leite, J. L. (2012). Política de Assistência Estudantil: direito da carência ou carência de direitos? *SER Social*, 14(31), 453-472. Recuperado em 20 de junho de 2015 http://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/viewFile/4052/6485
- Lourau, R. (1993). *Análise Institucional e práticas de pesquisa*. Rio de Janeiro: UERJ.
- Mendes, R., Pezzato, L.M & Sacardo, D.P. (2016). Pesquisa-intervenção em promoção da saúde: desafios metodológicos de pesquisar “com”. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(6):1737-1745. Recuperado em 20 de março de 2017, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232016000601737&script=sci_abstract&tlng=pt
- Osse, C. M. C & Costa, I. I. (2011). Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília. *Estudos de Psicologia*, 28(1), 115-122. Recuperado em 30 de abril de 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v28n1/a12v28n1.pdf>
- Paiva, V. S. F. (2013). Psicologia na Saúde: Sociopsicológica ou Psicossocial? Inovações do Campo no Contexto da Resposta Brasileira à Aids. *Temas em Psico*, 21(3), 531-49.
- Ponte, A. Q., Bomfim, Z. Á. C. & Pascual, J. G. (2009). Considerações teóricas sobre identidade de lugar à luz da abordagem histórico-cultural. *Psicol. Argum*, 27(59), 345-354. Recuperado em 30 de março de 2017, de <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=3375&dd99=view&dd98=pb>
- Rocha, M. L (2006). Psicologia e as práticas institucionais: A pesquisa-intervenção em movimento. *Psico*, 37(2), 169-74. Recuperado em 17 de maio de 2016, de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1431>
- Rocha, M. L (2003). Pesquisa-Intervenção e a Produção de Novas Análises. *Psicologia Ciência e Profissão*, 23 (4), 64-73. Recuperado em 17 de maio de 2016, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932003000400010&script=sci_abstract
- Schneider, D. R. (2015). Da saúde mental à atenção psicossocial: trajetórias da prevenção e da promoção de saúde. In Murta, S. G., Leandro-França, C., Santos, K. B. & Polejack, L. (Orgs). *Prevenção e promoção em saúde mental: fundamentos, planejamento e estratégias de intervenção* (pp. 34-53). Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Shaikh, B. T & Deschamps, J. (2006). Life in a University Residence: Issues, Concerns and Responses. *Education for Health*, 19(1), 43-51.
- Sousa, L. M & Sousa, S. M. G. (2009). Significados e sentidos das casas estudantis e a dialética inclusão-exclusão. *Psicologia Ciência e Profissão*, 29 (1), 4-17. Recuperado em 2 de maio de 2015, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000100002
- Thiollent, M. J. M. (1988). *Metodologia da pesquisa-ação*. 4. ed. São Paulo: Cortez. 108 p. (Coleção Temas básicos).
- Vasconcelos, N. B. (2010). Programa nacional de assistência estudantil: uma análise da evolução da assistência estudantil ao longo da história da educação superior no Brasil. *Ensino Em-Revista*, 17(2), 599-616. Recuperado em 20 de junho de 2015, de <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/11361>
- Vasconcellos, H. S. R. de. (1998). A pesquisa-ação em projetos de educação ambiental, In: Pedrini, A.G. (Org). *Educação ambiental: reflexões e práticas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes.
- Westphal, M. F. (2006). Promoção de Saúde e Prevenção de Doenças. In Campos, G. W.S. et al (Orgs). *Tratado de Saúde Coletiva* (pp. 635-668). São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz.

Endereço para correspondência:

Daniela Ribeiro Scheinder & Luciana Oliveira de Jesus
 Depto de Psicologia - Centro de Filosofia e Ciências
 Humanas Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
 Campus Universitário - Trindade
 CEP: 88.040-970 – Florianópolis/SC
 E-mail: lucianaaj84@gmail.com
 Fone: +55 (48) 3721-9283

Recebido em 13/06/2017

Aceito em 11/08/2017